

Entrevista com Jefferson Tenório¹

Revista: Jefferson, primeiramente, gostaríamos de agradecer por teres prontamente concordado em participar desta entrevista que irá enriquecer muito nossa Revista. Nós, psicanalistas, temos o hábito de ler, sendo assim, a Feira do Livro de Porto Alegre é sempre um espaço, ou um momento do ano, em que nos aproximamos ainda mais dos livros. Gostaríamos de saber como foi tua reação e o que sentiste com o convite para ser o Patrono da Feira de 2020, sendo tão jovem. Temos conhecimento que houve, neste ano, uma preocupação de estimular a valorização da cultura, da ciência e da sustentabilidade. Poderias nos dizer como foram vivenciadas essas ideias?

Jefferson Tenório: Vivemos em tempos sombrios. Temos um governo fascista no poder que nega a ciência e o conhecimento. Insiste num projeto de destruição ambiental. Por outro lado, vejo uma resistência muito grande. Creio que desse modo, como formador de opinião, tento sempre me colocar a favor da cultura, da ciência e da sustentabilidade.

Revista: Em matéria de uma revista, foi feita a ligação entre uma experiência que viveste de preconceito racial e teu livro *O avesso da pele*. Podes falar sobre o processo de transformar a violência racista em uma produção literária?

Jefferson Tenório: É preciso tempo e paciência para transformar a dor em literatura. Passar duas vezes pela mesma dor é um exercício difícil, mas necessário quando se pretende algo honesto em literatura. As questões raciais fazem parte do meu cotidiano. São questões incontornáveis para mim quando faço ficção. Essa foi a chave que a sociedade me deu para que eu pudesse escrever sobre a condição humana.

¹ Escritor. Graduado em Letras pela UFRGS. Mestre em Literaturas Luso-Africanas pela UFRGS. Doutorando em Teoria Literária na PUC-RS. Professor de português e literatura na rede pública de ensino de Porto Alegre. Autor de *O beijo na parede* (2013), *Estrela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020). Em 2020 foi patrono da 66ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Revista: Com *O avesso da pele*, chamas a atenção para a história e a subjetivação de cada um. Em cada negro suspeito que é assassinado, há uma história de vida que pulsa ou que conta. Tuas obras denunciam e contribuem para a desconstrução do racismo?

Jeferson Tenório: De modo algum vejo a literatura como um veículo de denúncia. Não escrevo para denunciar. Meu compromisso é com a linguagem literária. Há outros modos de fazer denúncias, mas não creio que esse seja o papel da literatura. Há talvez uma confusão entre a vida real e de como ela é representada pela literatura. Meus livros versam sobre a precariedade humana. São livros que apresentam as ruínas dos afetos e refletem sobre a possibilidade de novas relações entre as pessoas. É claro que as questões raciais estão ali, mas elas não são base e não estão ali como denúncia, estão ali como uma representação subjetiva e particular que não opera numa racionalização com intuito de “passar” alguma mensagem. Por outro lado, creio que essa construção narrativa que, em certa medida, é mediada pela raça, pode de algum modo fornecer subsídios estéticos para nos fazer pensar sobre a nossa relação com o outro. É nesse sentido que a literatura não pode ser encarada como denúncia, mas como uma espécie de cartografia sentimental e que age de modo difuso dentro de cada um.

Revista: Através de uma narrativa de vida constituída num diálogo/monólogo de um filho com um pai morto violentamente pelo racismo, consideras um modo de elaboração?

Jeferson Tenório: O diálogo de Pedro com Henrique remonta toda uma tradição dessa relação entre pais e filhos. Em Hamlet, que serve como orientação para mim desde muito tempo, há elementos importantes nessa relação paterna. Há ali uma tarefa delegada aos filhos assim que nascem: que é a de consertar o mundo. Cada geração que chega recebe esta missão sobre os ombros. No caso de filhos negros o fardo é maior porque a sociedade tem o racismo como um fator estruturante. Nesse sentido, a jornada para um homem negro é anterior a muitas questões sociais e de classe, porque antes disso, os negros lutam por coisas mais básicas como o do reconhecimento de uma humanidade. Assim, consertar o mundo é a busca incessante de reafirmação de uma subjetividade acossada cotidianamente pela violência.

Revista: Ressaltas a fala de tua avó e tua mãe – “não chame a atenção no meio de brancos” – que, no início, soou como um apagamento identitário e depois, como estratégia de sobrevivência. Podemos entender hoje a tua fala, através da literatura, como também um resgate de afirmação de identidade na luta antirracista que atualmente explodiu no mundo?

Jeferson Tenório: A minha atuação como militante é diferente da minha literatura porque, como disse, a literatura não tem esse papel. A luta antirracista tem ganhado força porque a sociedade aos poucos tem compreendido que o racismo é um mal que atinge a todos: brancos e negros.

Revista: Em teus estudos recentes, mostras interesse em trazer a figura do pai negro africano, diferente do pai branco ocidental, menos dramático e idealizado do que o pai edípico de Freud. É uma discussão que pode fazer uma interlocução fértil com a psicanálise. O que pensas disso?

Jeferson Tenório: É uma pergunta interessante. Em minhas pesquisas tenho lido e relido livros da literatura portuguesa e africana, em língua portuguesa. Tenho catalogado os tipos de pais que são representados, e num primeiro momento é possível perceber que quanto mais ocidental é esse pai, mais trágico ele aparece. Ao passo que, quanto mais africano menos dramático ele é. Nesse sentido, não trabalho com juízos de valores entre pais ruins e pais exemplares. Trabalho numa perspectiva mais etnográfica em que os fatores culturais propõem outras relações paternas. No caso de algumas culturas de matriz africana é comum encontrarmos obras que, de certo modo, destoam das teorias freudianas como o complexo de Édipo. Como exemplo, a história do mito de Logum Edé: Certa vez Oxum casou-se com Oxóssi. Deste matrimônio, nasceu um filho cujo nome era Logum Edé ou Logunêdé, e quando este filho chegou à maturidade, apaixonou-se pela própria mãe, Oxum. Aconteceu que numa certa ocasião ele a perseguia desesperadamente para possuí-la, e Oxum teve que correr sofregamente, alarmada gritando por Oxóssi, que veio em seu socorro armado com uma lança e pôs o filho em fuga para muito longe da cidade, e este não mais voltou. Só depois de um longo tempo foi que Logum fundou um reino e deixou de querer a mãe. O nome dessa Oxum é Yeyê Ipondá! Antes que tudo isso acontecesse, Logum Edé tinha ido a uma festa. Ele é belíssimo, e como nesta festa só era permitida a presença feminina, Logum Edé não teve dúvidas, roubou as roupas da mãe, entrou na festa e foi considerado a mulher mais linda ali presente. Essa história de certo modo se contrapõe às histórias trágicas nas relações filiais. Pois a saída que Oxossi encontrou para “castrar” o filho se deu num campo mais harmonioso. Isto é, Oxossi, aqui, ensina os limites a Logum Edé ao mesmo tempo que ele aprende a ser o filho que não conseguiu ser. Não estou querendo dizer que o Pai deixa de exercer uma autoridade, não me parece isso, mas a questão são as relações talvez mais horizontais, e as disputas pelo poder me parecem ser mais elásticas. Talvez seja necessário traçar um paralelo inicial entre Édipo e Logum Edé e verificar os pontos de contato, como a punição e o sacrifício de si mesmo, para, a partir daí, pensar num arquétipo que possa transcender a tragicidade parental, isso talvez signifique transcender o ego e as suas ilusões.

Revista: Quais as tuas sugestões de temas e programação para as próximas Feiras de Porto Alegre?

Jeferson Tenório: Creio que a literatura deve ser sempre o princípio fundamental de uma feira literária. Não se pode perder isso de vista. Quanto mais diversa ela for, mais temas contemporâneos importantes e urgentes surgem. Os temas são fruto dessa diversidade de autores.

Revista: Na função de professor, além de escritor, o que procuras transmitir de mais importante para os teus alunos?

Jeferson Tenório: Acho que de maneira até quixotesca, procuro transmitir o amor pelos livros. A literatura como uma condição para viver. Talvez eu vivesse sem literatura, mas viveria mal. No entanto, por mais que considere os livros e a literatura fundamentais, sempre digo aos meus alunos que, no fim das contas, as pessoas são mais importantes. A literatura é a ponte que nos leva ao outro.

Revista: Notamos que há um progresso em relação à representação política, na sociedade em geral, mas ainda há muita desigualdade. O que pensas sobre a participação dos negros nessas últimas eleições?

Jeferson Tenório: Embora eu seja pessimista no campo político, sinto um pouco de esperança porque as novas gerações estão vindo mais preparadas do que as anteriores. Minha consciência negra, por exemplo, foi tardia, quase aos 30 anos. Hoje, no entanto, vemos jovens de 18 ou 19 anos com Angela Davis embaixo do braço. Isso é maravilhoso. Acho que é um caminho sem volta. Acredito que daqui há alguns anos teremos uma participação de pessoas negras cada vez maior na esfera política.

Revista: O trágico e inadmissível acontecimento da morte de João Alberto Freitas repercutiu no mundo inteiro. Que mensagem poderias nos deixar sobre isso?

Jeferson Tenório: Precisamos deixar de naturalizar a violência nos corpos negros. A morte de pessoas negras não causa comoção a não ser nesses eventos trágicos e espetaculares que ganham as redes e as mídias. O que, em certa medida, esconde a violência cotidiana. Precisamos ficar mais atentos e mais intolerantes a todas as formas de racismo.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos